

Educação não formal: o protagonismo de mulheres jovens negras no *youtube*¹

Miriam Conceição Carvalho da Silva²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ

Resumo

O trabalho Educação não formal: o protagonismo de mulheres jovens negras no *youtube*, tem por objetivo reconhecer como educação não formal, a produção de vídeos por meninas negras que utilizam a referida plataforma digital para dar visibilidade as temáticas raciais. O trabalho se desenvolve a partir de dois eixos considerados importantes para fortalecer a hipótese: o primeiro se destina a entender as particularidades da educação não formal, a partir da perspectiva da autora Maria da Glória Gohn (2009), e o segundo a analisar, por meio de estudos de recepção dos temas abordados pelas jovens, o processo educativo inserido na interação do público com elas. Este relato integra um trabalho em andamento, que se encontra por entender como o sujeito se relaciona com o conhecimento adquirido por meio da interação com os vídeos das *youtubers* negras.

Palavras -chave

educação não formal; *youtube*; jovens negras; processo educativo.

Introdução

A interação com o outro na sociedade atual foi potencializada através do surgimento das redes sociais (*orkut*, *facebook* etc.). Elas otimizaram os processos interativos e tornaram possível a comunicação por meio de qualquer lugar. Moita Lopes (2010) classifica essa nova dinâmica de *web 2.0.*, movimento onde as novas tecnologias modificaram as experiências e relações sociais que os indivíduos vivenciam. Segundo ele “[...] na *web 2.0.* o *mindset*³ é orientado por outras formas de agir e de pensar que caracterizam a vida contemporânea [...]” influenciado pelo surgimento das tecnologias.

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã - O direito à comunicação na luta por uma cidadania ativa, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, Minas Gerais, de 25 a 27 de outubro de 2017. Este trabalho é relato de pesquisa resultante da monografia de conclusão de curso intitulada “Educação não formal: o protagonismo de mulheres jovens negras no *Youtube*”. Sob orientação de Rosângela Malachias, professora doutora dos cursos de Pedagogia, Geografia e Matemática da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ. E-mail: rosmalach@gmail.com.

² Graduanda do sétimo período no curso de Pedagogia da UERJ, campus Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. E-mail: miriamccs200@gmail.com.

³ “Modos de pensar e conhecer por meio dos quais o mundo é vivido na internet” (Lankshear & Knobel, 2008, p.31 apud Lopes, 2010, p.4).

Nessa nova configuração, uma das redes sociais que tem possibilitado a comunicação é o *youtube*. Observa-se que muitas pessoas adeririam a essa plataforma para compartilhar seus conhecimentos, produzindo seu próprio discurso sobre fatos e acontecimentos sociais. Entre esse público, se destacam as jovens negras que falam de suas vivências na sociedade brasileira e por esse motivo, abordam assuntos relacionados as temáticas raciais negra, que possuem pouca ou quase nenhuma visibilidade nos demais veículos de comunicação, como, por exemplo, a televisão. E se constituem também como “ações individuais e coletivas que marcam a resistência política [...] e persistente reivindicação pela [...] representação digna nas mídias” (Malachias, 2017, p.33) Pelo destaque que possuem na plataforma, não somente pelo número de seguidores, mas por se tornarem referência de representatividade negra no *youtube* é que este trabalho se desenvolve, buscando identificar o processo educativo na comunicação estabelecida entre o público e as *youtubers* negras, as quais o trabalho se delimita a pesquisar: Gabi Oliveira (Canal DePretas), Sá Ollebar (Canal Preta Pariu) e Nátaly Neri (Canal Afros e Afins)⁴.

Educação não formal e feminismo negro no *youtube*

A partir da observação sobre o conteúdo produzido pelas jovens, algumas hipóteses sobre o porquê considerar a atuação delas como educação não formal foram levantadas: por ser desenvolver num espaço não institucionalizado e a importância social dos temas abordados que contribuem para o conscientização do público. Para consolidá-las, foi preciso buscar a conceituação dessa modalidade de educação, assim como conhecer os processos implícitos no seu desenvolvimento para se afastar do senso-comum. Nessa perspectiva, a pesquisa se fundamenta na compreensão teórica da autora Maria da Gloria Gohn que possui estudos direcionados sobre os processos educacionais na educação não formal. Segundo Costa (2014, apud Gohn, 2010, p.32), a educação não formal é um “processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para conviver com o outro em sociedade”. Ela se constitui através das relações sociais, por meio de saberes que agregam à formação do sujeito (social, trabalho etc.); e se orientam segundo os objetivos do trabalho a ser desenvolvido. “São processos de auto-aprendizagens e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc.” (Gohn, 2009, p.4). Logo, na ação educativa, o educador é outro, “é aquele com quem interagimos ou nos integramos [...] “em locais onde há processos formativos intencionais” (Gohn, 2006).

A conceituação da autora serviu de subsídios para pensar como a educação não formal se desenvolve por meio das mídias digitais, especificamente o *youtube*. Pra isso, foi necessário conhecer o trabalho das *youtubers* negras e identificar o que as motivou a estar nessa plataforma digital.

Em entrevistas⁵ concedidas a *sites* na *web*, as jovens manifestaram a motivação para criar seus canais no *youtube*⁶. Para o *site* Daquidali, Gabi Oliveira contou como suas experiências e conhecimento adquirido na universidade a incentivou nesse processo:

4 O *link* de acesso aos canais consultados poderão ser encontrados em endereços eletrônicos.

6 O *link* de acesso às entrevistas completas poderão ser consultadas em endereços eletrônicos.

Logo depois que a carioca de 24 anos entregou sua monografia e concluiu seus estudos, seu contrato de trabalho terminou. “E nesses meses de pós-universidade, me veio uma leve vontade de iniciar um canal – por causa da importância das nossas falas na web e de passar aquilo que tinha aprendido. Se isso fez tanta diferença para mim, por que não está chegando a um número maior da população? **Pessoas negras que talvez nunca vão entrar na faculdade**, mas que precisam entender esses processos para serem mais fortes; você pode buscar ajuda e não está sozinha!”. Às vezes, ela diz, a questionam: “você largou tudo para se lançar no Youtube? Sempre brinco que o ‘tudo’ me largou. Fiquei desempregada e, com isso, dei início à gravação dos vídeos”.

Em entrevista ao *site Delirium Nerd*, Sá Ollebar relatou por que criou seu canal *on-line* Preta Pariu e as pessoas que a inspiraram:

Sá - Vim para o youtube com o propósito de empoderar outras pessoas e representar a mulher negra. Eu sigo vários canais que me inspiram todos os dias: “Negra Vaidosa”, “Jout Jout”, “Kamaleoah” entre outros.

Numa reportagem sobre Natály Neri publicada pelo *site Elle*, a *youtuber* informou a necessidade de proporcionar visibilidade aos assuntos que englobam o feminismo negro:

destaque no site. “Eu pensava ‘alguém deveria falar disso, fazer um vídeo sobre aquilo’. Depois de perceber que ela mesma poderia entrar nesse mundo, passou a planejar o canal com muito cuidado e pesquisa até que o Afro e Afins ficasse com a cara que tem hoje. “Fiquei com medo de acabar me ludibriando, falar muito sobre beleza, por ser mais confortável. Afinal, é desconfortável falar sobre alguns temas. Preciso garantir que eu fique na minha espinha dorsal, que é falar sobre mulheres negras, empoderamento e feminismo. A minha maior motivação para criar o canal foi fazer com que pessoas ouçam o que eu não ouvi”.

Os relatos das três *youtubers* demonstram a necessidade de representação feminina negra nos espaços de produção de discurso. O objetivo da construção de seus canais *on-line* enfatiza que elas consideram ser necessário dar destaque as questões que afetam as mulheres negras. O feminismo das jovens é um dos movimentos que visam abordar temas que discutem as questões de gênero e raça, pois se percebe que nos movimentos feministas as mulheres negras não se veem representadas. “As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão não tem reconhecido” (Carneiro, 2003, p.1). A necessidade de atribuir visibilidade as pautas que afetam de modo particular esse público se tornaram necessários.

Nesse contexto, as redes sociais possibilitaram a essas mulheres aderir de forma proativa as plataformas digitais para obter voz e ser ouvidas. Elas podem atuar de maneira política, ajudar no processo de formação de outras mulheres que vivenciam as mesmas experiências, enriquecendo assim, o discurso de enfrentamento ao racismo. As redes sociais potencializaram a atuação política, tornou o sujeito um ativista político, ou seja, defensor seus ponto de vista. (Lopes, 2010, p.8)

As falas ainda demonstram que atuação das jovens é intencional; mesmo que não esteja explícito a intenção de educar, o processo de comunicação se torna educativo, pois conscientiza um grupo sobre temáticas importantes a ser debatidas, percebida dentro de um contexto social e cultural comum. O desenvolvimento formativo e educacional está envolvido na prática da comunicação estabelecida.

Conforme Araújo ([2006?], apud Silva 1999) toda cultura é pedagógica e toda pedagogia é cultural. A pedagogia - aqui entendida como processo educacional - está inserida nas relações sociais, na convivência ou interação dos sujeitos na sua cultura e, portanto, o aprendizado possui significados.

Outro eixo é identificar, por meio de estudos de recepção, como o sujeito se relaciona com o conhecimento adquirido por meio dos vídeos. O estudo possui como referência o modelo de múltiplas mediações proposto por Guillermo Orozco Gómez. O autor estuda a relação entre televisão, audiência e educação que contribuiu de forma significativa para os estudos dos processos de recepção televisiva. Para o desenvolvimento do trabalho, o modelo é aplicado analisando a recepção por meio do *youtube*; por entender que ela é um “processo que se mescla com a vida cotidiana e no qual intervêm diversos agentes e instituições sociais”. (Dorneles, 2003, p. 4 apud Gómez, 1999, p.9)

Para isso, foi selecionado um vídeo de cada *youtuber* para compreender a receptividade do público que se dá através dos comentários postados sobre o conteúdo na plataforma. O critério de escolha dos vídeos levaram em consideração os que tratam de questões étnico-raciais e que obtiveram mais popularidade ou visualizações no canal das *youtubers* negras. No momento do trabalho, o estudo de recepção centra-se na análise do vídeo de Gabi Oliveira, intitulado a “Solidão da Mulher Negra” que possui mais de oitenta mil visualizações. Ela discorre sobre como o racismo contribui para a solidão da mulher negra e como a afeta atualmente, e propõe reflexões sobre como os estereótipos raciais e os padrões de beleza atenuam essa situação. Os comentários postados demonstram ora uma recepção positiva ou negativa. Durante o desenvolvimento do trabalho se tornou importante estabelecer contato com pessoas que assistem os vídeos das *youtubers*, para fortalecer a hipótese de que o conhecimento que elas compartilham contribui para a conscientização do seu público alvo.

Portanto, até o momento foi possível verificar que há processo educativo na atuação das jovens negras no *youtube*, o qual se consolida como espaço para atuação política das meninas. E que o discurso que produzem tem se destacado, à medida que se tornaram referência de representatividade feminina negra na plataforma, por tratar de questões importantes no contexto social brasileiro e que possui relevância para a construção de conhecimentos sobre assuntos invisibilizados. O estudo de recepção é uma estratégia importante para identificar a constituição do processo educacional pelo viés da interação do público com o conteúdo, entender os usos sociais que eles realizam, mediados por vivências e articulações do conhecimento com outros saberes construídos ao longo de suas experiências de vida. Assim, por meio da análise sobre a receptividade que o público desenvolve, será possível fortalecer o pensamento de que a atuação das jovens negras no *youtube* se constitui como educação não formal, devido a contribuição para a formação cidadã e conscientização do indivíduo.

Referências

ARAÚJO, Helena Maria Marques. Memória e produção de saberes em museus de história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

COSTA, Heringer Rodrigo. Notas sobre a educação formal, não formal e informal. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA - 2014, Rio de Janeiro. Anais do III SIMPOM. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014, p. 435-444.

DORNELES, Lucina Bochi. Revisitando o modelo das múltiplas mediações. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. Anais XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Belo Horizonte, 2003, p. 1-16.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. Revista Meta: Avaliação, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p.28-43, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1/5>>. Acesso em: 25 de set. 2017.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Os novos letramentos digitais como lugares de construção do ativismo político sobre sexualidade e gênero. Trab. linguist. Apl., Campinas, vol. 49, n. 2, p.393-417, jul. /dez. 2010.

MALACHIAS, Rosângela - Interface Comunicação, Educação e Relações Etnico-Raciais. In: *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación da ALAIC* - v. 14, n. 26 (2017)

Endereços Eletrônicos

ALMEIDA, Isa. Conheça Nátaly Neri, a *youtuber* que mostra que engajamento e moda têm tudo a ver. Disponível em: < <https://elle.abril.com.br/moda/conheca-nataly-neri-a-youtuber-que-mostra-que-engajamento-e-moda-tem-tudo-a-ver/>>. Acesso em: 25 de set. 2017.

CANAL AFROS E AFINS. Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMlluoSdkrQg>>. Acesso em; 25 de agosto. 2017.

CANAL DEPRETAS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILiJ1kng>>. Acesso em: 20 de agosto. 2017.

CANAL DEPRETAS. Solidão da mulher negra. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=NgNt0GzWCVI>>. Acesso em: 20 de agosto. 2017.

CANAL PRETA PARIU. Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UC5gJxEX8HD34toM4csExmqQ>>. Acesso em: 26 de agosto. 2017.

PACHECO, Rosiane. Mulheres vloggers: Preta Pariu. Disponível em: < <http://deliriumnerd.com/2016/08/03/entrevista-mulheres-vloggers-pret-a-pariu/>>. Acesso em: 01 de out. 2017.

PARLAGRECO, Talitha. Gabi de Oliveira usa a internet para alavancar o empoderamento das mulheres negras. Disponível em: < <http://www.daquidali.com.br/vida-pratica/gabi-de-oliveira-usa-web-para-alavancar-o-empoderamento-das-mulheres-negras-leia-entrevista/>>. Acesso em: 25 de set. 2017.